

O falo, o amor ao pai, o silêncio e o amor no real

Gresielia Nunes da Rosa

Diante da constatação de que o menino ou o papai possui um órgão fálico um tanto quanto mais proeminente do que o seu, a menina reluta; ainda há que esperar que cresça. Logo se depara com o fato de que essa é uma esperança vã. Sente inveja, diz Freud. E reconhecendo na mãe, seu primeiro objeto de amor, a mesma ausência, culpa-a por tal destino. Uma das consequências possíveis para este acontecimento caracteriza-se por três mudanças: 1 - Mudança do parceiro amado: a mãe cede lugar ao pai; 2 - Mudança da zona erógena: o clitóris cede lugar à vagina; 3 - Mudança no objeto desejado: o pênis cede lugar a um filho¹.

Como consequência do complexo de castração a menina entra no complexo de Édipo. Assim, podemos dizer que a inveja do pênis se traduz em amor ao pai.

Esta construção freudiana nos ajuda a ler os elementos presentes na constituição do sujeito. Uma perda, ou constatação de uma ausência, a separação entre a menina e sua mãe e o aparecimento do amor ao pai como promessa a restaurar o estado anterior das coisas.

Uma menina, na medida em que lhe foi possível a instrumentalização simbólica, pode fazer do falo um símbolo. Este símbolo que, investido de maneira imaginária, pode velar de atributos o corpo feminino, também se apresenta pela via do amor. Do amor ao pai.

Se o menino sai do complexo de Édipo pelo complexo de castração e tem como consequência o "eterno" temor de perder o que tem, a menina, que já não tem, sai do complexo de castração e entra no complexo de Édipo ficando

"eternamente" presa ao amor ao pai. A vida ou a psicanálise podem ajudar a ambos, meninos e meninas, a poder se desprender de tal destino.

Heloisa Caldas escreve: "O enigma de como obter seu complemento é o enigma da mulher"². Para isso recorre ao pai como aquele que portando o falo/sentido pode lhe dar o substituto daquilo que lhe aparece como ausente.

Nos termos lacanianos, o pai é aquele que traduz com um nome o enigma do desejo da mãe. A falta na mãe, no Outro, teria então o seu complemento naquilo que o pai tem a ofertar. Assim, o pai porta o falo enquanto sentido. E o que ele oferece ao filho, à filha, além desta promessa de suturar o buraco do Outro, e concomitante a isso, é o gozo fálico.

O sentido é uma verdadeira paixãozinha humana. Mas o que poderia aparecer como uma paixão pelo saber, esta paixão pelo sentido revela exatamente o seu oposto. É o que Lacan chama de paixão pela ignorância. Assim, quanto mais se ama o sentido, mais se está no âmbito da ignorância. A paixão pelo sentido é um não querer saber nada. Não querer saber nada a respeito daquele lugar que funda o sentido, que é aquilo que está fora do sentido. É um não querer saber nada desta ausência radical, aquela que separou a mãe e a criança e instaurou o Outro como faltoso. S(Å) quer dizer apenas "a impossibilidade de dizer toda a verdade"³.

O gozo fálico, disse Lacan, é o gozo do idiota. O gozo fálico é aquele que se sustenta pelos semblantes, pelo sentido, e por isso lhe falta consistência. O falo, na maior parte do tempo, encontra-se detumescido. Assim como o sentido comporta em si o furo que torna toda verdade *nãotoda*, remetendo ao deslizamento infinito dos significantes. Querer sustentar a consistência do gozo fálico é o trabalho idiota e cansativo da neurose.

O trabalho da análise vai em direção ao esvaziamento dos sentidos. O trabalho da análise vai na direção oposta ao trabalho da neurose. Se na neurose inventou-se um pai para dar consistência e completude ao Outro; se na neurose a menina se dirigiu ao pai na esperança de obter seu atributo fálico, a análise permite fazer o caminho inverso. O caminho que possibilita descrever que haja uma verdade ou um sentido último que possa suturar a ausência que aparece no Outro, possibilita se descarregar do fardo de ter que estar na vida desde a posição fálica.

Analisar-se implica, então, iniciar uma crítica às identificações fálicas que é em última instância uma crítica ao imaginário. Mas como as ditas identificações se sustentam em significantes [...], então se trata também de uma crítica aos limites do simbólico, limites fixados especialmente pelo Nome do Pai⁴.

Na análise, como diz Lacan, "A aparente necessidade da função fálica se descobre ser apenas contingência"⁵, e se ela, a função fálica, é "uma maneira masculina de girar em torno"⁶ do que não há, há também, como segue Lacan, uma "outra que não desigmo de outro modo [...] como, da maneira feminina, isso se elabora. Isto se elabora pelo não-todo"⁷.

Esvaziado o amor ao pai, ao sentido, a menina volta a se deparar com aquilo em que o pai e o sentido funcionaram como substitutos. A menina volta a se deparar com o acontecimento de corpo; com o "Não há". Porque "tudo que vem no lugar de 'Não há' é a da ordem da substituição", diz Silvia Salman⁸.

Porém, com a ajuda da análise, a menina pode dar uma volta a mais que lhe permite ir mais além do horror ou da inveja e interpretar o "Não há", não como falta, mas como ausência. Se a neurose é o esforço para que o sujeito não se depare com essa ausência radical, aquela que pode ter causado inveja e horror, a análise permite voltar a olhar

para a ausência desde esta perspectiva feminina, que Lacan nomeia como *nãotoda*.

Mas se a análise possibilita este esvaziamento do amor ao pai, isso nos traz algumas questões: O que há no horizonte do amor, além do que se pode ver o pai? Há amor que não seja ao pai? Há amor que não esteja dirigido à satisfação fálica? E mais: de que desejo se trata este que não esteja dirigido ao enigma do desejo do Outro? Se não há desejo puro, sem que o Outro esteja em jogo, qual é o desejo possível em relação ao Outro assentido como barrado?

E o que era horror há que advir como causa. Mas uma causa que não esteja mais dirigida a tamponar uma falta no Outro. Heloisa Caldas, escrevendo sobre o gozo na escrita, nos dá uma ideia do que do Outro enquanto barrado é possível se obter como pretexto.

Ela (a escrita) se torna um recurso à falta no Outro sem pretender responder a essa falta, a não ser constituindo-se, ela mesma, em um objeto de gozo. A escrita, nesse sentido, serve para gozar da letra. Endereçar-se a alguém é apenas pretexto, semblante, para que ela cumpra seu destino de causa de desejo e objeto de gozo⁹.

Para concluir, tomemos as expressões calar-se e fazer silêncio. Calar-se aponta para algo da ordem do ter o que dizer, mas escolher não falar. Está no âmbito do sentido, do fálico. Fazer silêncio é de outra ordem. Está ligado à opacidade do Real. Fazer silêncio é da ordem do feminino, que se localiza "como um gozo ilegível que acontece no corpo"¹⁰. Refere-se ao "Não há", que assinalado no corpo de uma mulher, e sem mais estar supostamente "preenchido" com substituições de sentido, sem mais estar amparada no amor ao pai, uma mulher pode, para além do falo, inventar um amor que seja do real, que não esteja na função de esperar a retribuição do Outro, ainda que possa obter.

-
- ¹ FREUD, S. (1996/1931). "Sexualidade feminina". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- ² CALDAS, H. (mar. 2013). "A fala e a escrita da mulher que não existe". In: *Opção Lacaniana online nova série*, ano 4, nº 10. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_10/A_fala_escrita_mulher_que_nao_existe.pdf.
- ³ LACAN, J. (1985/1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 128.
- ⁴ SALMAN, S. (mai. 2013). "El cuerpo en la experiencia del análisis". In: *Colofón - Boletín de la Federación Internacional de Bibliotecas del Campo Freudiano*, nº 33. Buenos Aires: EOL, p. 11.
- ⁵ LACAN, J. (1985/1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 127.
- ⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 78.
- ⁷ IDEM. *Ibidem*.
- ⁸ SALMAN, S. (mai. 2013). "El cuerpo en la experiencia del análisis". Op. cit., p.12.
- ⁹ CALDAS, H. (mar. 2013). "A fala e a escrita da mulher que não existe". Op. cit., p. 7.
- ¹⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 9.